

E a vida renasce na Gorongosa

N. 20711/85
p. 3

por António Sítio

A tarde já findava e o Sol lançava os seus derradeiros raios sobre a Terra, quando a coluna de viaturas militares e civis, procedente da Beira, entrou na rua principal da Vila de Gorongosa, em Sofala. Dezenas de crianças, largando momentaneamente as suas brincadeiras, juntaram-se ao longo da estrada, para, com acéns, gritos, pulos, danças e outras manifestações, darem as boas-vindas aos recém-chegados.

Homens e mulheres que, nas pequenas machambas situadas ao longo da artéria, trabalhavam a terra para as próximas sementeiras, apesar dos raios solares serem ainda insistente-mente quentes, interromperam os seus afazeres para lançarem um olhar quase indiferente à coluna, pois, nos últimos dias a chegada de gente

bocas do Mundo, abriu, em grandes parangonas, jomais de maiores tiragens e constituiu neste momento passagem obrigatória para qualquer visitante, seja ele nacional ou estrangeiro.

E justamente para restituir essa imagem de que esta bela terra sempre teve, para que as mulheres e crianças, que durante longos anos viveram compulsivamente com os bandidos armados ou atrozizados por uma guerra que se desenrolava próximo, voltassem a sorrir, confiantes no futuro, que o Partido e o Governo não se têm poupado a esforços para a reactivação da vida económica e social deste martirizado distrito.

A primeira medida tomada nesse sentido foi a criação de condições mínimas de vida às populações re-

de uma camisa floreada que, se bem que não primassem pela limpeza — havia ainda no centro problemas de sabão — eram, porém, de acordo com ele, muito melhores que a fibra de uma árvore denominada «gumbo» com que cobria o corpo quando se recolheu à protecção das autoridades moçambicanas. Este camponês foi um dos primeiros a se apresentar às nossas autoridades, juntamente com a sua família, mesmo antes do ataque à Casa Banana.

Aliás, a indumentária tanto de homens, de mulheres e de crianças, é a primeira nota dominante que o visitante colhe, à primeira vista, em qualquer centro de acomodação. E que as crianças que lá existem, algumas das quais com idades que rondam os seis ou sete

«Só que a maior parte dos apresentados é constituída por mulheres e crianças, pois os homens continuam escondidos no mato, porque a propaganda inimiga não cessa de apregoar que todos os que se apresentarem serão mortos pelas nossas forças», adjuntou.

Em conversa com Mariano António, 24 anos, antigo «madjiba» este acrescentou que os bandidos armados continuam a intimidar a população dizendo que os «Cati-pi-lari», que diariamente troam os ares na sua tarefa de desronca, estão a enterrar gente que voluntariamente se tinha entregado.

«Por causa dessas intimidações, muita gente, especialmente homens, continua escondida no mato», afirmou o ex-«madjiba».

Corroborando com este, T-és Corroas Bulande, irmão de Graça Bulande, chefe dos «madjibas» ainda a monte, disse que os homens mandavam primeiro as mulheres, velhos e crianças e só dias depois é que timidamente, se apresentavam nos centros de acomodação. Depois ficavam aliviados por verem que nada acontece à sua família.

Um velho camponês com três mulheres e 11 filhos, recordando os horrores da guerra por que passou ele e a sua filha afirmou: «A gente vivia como animais. Não havia hospitais, nem medicamentos e se algum de nós pegava doença ou mulher grávida para dar à luz, era sorte a pessoa sobreviver ou a criança sair em boas condições».

Apoiado o marido, uma das mulheres afirmou ser excecção o anoio que tem recebido do centro de acomodação, pois logo à chegada recebeu dos vestidos, duas capulinas e uma manga além da roupa para o marido, filhos e para as outras duas mulheres.

«Quando chegámos aqui, até malta vergonha, pois não trazíamos nada em cima do corpo. Era só «gumbo», acrescentou. Hoje, esta família, assim como tantas outras que vivem sob o jugo inimigo, olha com esperança o futuro. As crianças, que mal tinham tempo de se dedicarem a sonhos inocentes e a travessuras próprias da idade, já poderão fazê-lo sem receio que uma bala ou granada lhes ceile a vida inocentemente.

E os tractores que diariamente enchem os ares com o barulho dos seus motores, enterram, sim, o passado horrroso e cheio de pavor que homens, mulheres e crianças, eram obrigados a viver. Enterram a miséria a fome, a nudez, ao mesmo tempo que rasgam picadas de esperança de um mundo melhor para as terras ricas de Gorongosa.

Sim, a vida renasce em Gorongosa, uma vida pena de confiança de um futuro melhor.



Quando aqui chegamos não trazíamos nada em cima do corpo, era só «gumbo»

estranha à Gorongosa já deixou de constituir novidade para as gentes da Terra.

Já no centro da vila, um movimento desusado de pessoas, militares e civis, comparado aos grandes centros de concentração populacional, agitava a pequena rua, enquanto dezenas de camiões a abarrotar de mercadorias levantavam, à sua passagem ruidosa, nuvens de poeira.

Homens, mulheres e crianças, num vaivém constante, exibiam nos seus braços vestidos, safas, camisas e outros artigos relativamente novos e de cores garridas; «ta roupa das «Calamidades» que acabara de chegar ao distrito e estava a ser vendida numa toja próxima.

Enquanto, num canto da rua, esperávamos pelo sítio do alojamento, ia apreciando o movimento que, nos últimos dias, se apossara desta pequena vila e captando as primeiras imagens desta terra de Gorongosa que, pela primeira vez na vida, pisava o seu solo.

Ao mesmo tempo ia matutando sobre a outra Gorongosa outrora internacionalmente famosa devido à existência no seu seio de uma reserva de caça, onde homens de negócios, artistas, políticos, actores de cinema e outras personalidades de renome mundial buscavam novas e diferentes emoções, através da realização de «safaris» nas já então famosas coutadas do Parque Nacional de Gorongosa.

Esta, Gorongosa que com a destruição, a 28 de Agosto passado, da tristemente célebre «Casa Banana», base que os bandidos armados consideravam inexpugnável, voltou às

cuperadas do jugo inimigo e que diariamente se apresentam às nossas autoridades. E este estorço, esta preocupação está bem patente nos dois centros de acomodação que tivemos o ensejo de visitar, durante a nossa estada em Gorongosa.

No primeiro centro, se bem que numa fase ainda embrutória, já se vislumbram algumas realizações nos domínios de abastecimento — tanto em comida, como em roupa — à Saúde, Educação e até da habitação, pois as precárias casas provisórias estão a ser gradualmente substituídas por habitações mais sólidas feitas à base de bambus e capim.

No segundo centro, em fase relativamente mais desenvolvida, a população já se encontra devidamente enquadrada em zonas residenciais e estão a ser criadas condições para que centenas de crianças em idade escolar sejam integradas em estabelecimentos de ensino.

Nas imediações, anteriormente zonas invadidas pelo matagal ou restos calcinados de antigas aldeias comunais queimadas pelo inimigo, pés de milho, de mapira, a mandioca e a batata-doce voltam a renascer viçosamente os instrumentos e factores de produção, como o machado, a catana, a enxada e a semente já estão garantidos para que a população produza para a sua alimentação e para a comercialização dos excedentes.

«O único obstáculo que nos deixa, por enquanto, preocupados são as chuvas que tardam a cair», afirmou, perscrutando significativamente o céu, Sixence Jeque,

Envergando umas calças «jeans»

anos, nunca tinham posto na vida roupa em cima do corpo. Os homens e mulheres o único vestuário que conheciam havia muito tempo era o «gumbo».

«Devido às precárias condições em que se apresentam os recém-regressados, reservámos sempre alguma roupa no centro para que lhes seja distribuída, logo após a sua chegada», declarou um responsável de um dos centros de acomodação.

Acrescentou que dezenas de pessoas se têm apresentado diariamente nos diversos centros de acomodação, ou fugidos dos bandos armados, ou vindos do mato, onde foram obrigados a permanecer.



A maior parte dos que se apresentam são mulheres e crianças